

ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA O ESTUDO DOS PROCESSOS CIVILIZADORES: ANÁLISE PSICOGENÉTICA A PARTIR DAS PRÁTICAS DE LAZER EM MONTE ALEGRE – PR

Ana Flávia Braun Vieira

Miguel Archanjo de Freitas Junior

Resumo: Este artigo apresenta uma alternativa metodológica para o estudo da psicogênese (Teoria dos Processos Civilizadores), a partir da análise de micro processos de coerção. Para tanto, foram pesquisadas as atividades de lazer desenvolvidas na cidade empresa de Monte Alegre e noticiadas, entre 1948 e 1949, no jornal *O Tibagi*. Com a análise de conteúdo foi possível concluir que a oferta de lazer em Monte Alegre era frequente e variada. Além disso, a tipologia dos lazeres permitiu ponderar sobre suas funções na figuração em questão, possibilitando conhecer aspectos das sensibilidades pretéritas. Por fim, o estudo psicogenético elucidou dados sociogenéticos, como a divisão hierarquizada das atividades de lazer, reafirmando as proposições de Norbert Elias em relação a interdependência desses processos.

Palavras-chave: Teoria dos Processos Civilizadores; Psicogênese; Lazer;

Methodological alternative for the civilizing processes study: psychogenetic analysis from leisure practices in Monte Alegre – PR

Abstract: This paper presents a methodological alternative for the psychogenesis study (Civilizing Process Theory), from the analysis of micro processes of coercion. For that, were searched the leisure activities developed in Monte Alegre *company town* e published, between 1948 and 1949, in *O Tibagi* newspaper. With the content analysis it was possible to conclude that the leisure offer in Monte Alegre was frequent and varied. Besides that, the leisure type allowed to consider their functions in the figuration in question, making it possible to know aspects of the past sensitivities. Finally, the psychogenetic study elucidated sociogenetic data, such as the hierarchical division of leisure activities, reaffirming Norbert Elias' propositions regarding the interdependence of these processes.

Keywords: Civilizing Process Theory; Psychogenesis; Leisure;

Introdução

Norbert Elias, sociólogo que publicou suas primeiras formulações sobre a teoria dos processos civilizadores em 1939, diferentemente dos demais pesquisadores de seu tempo, compreendia que a relação entre indivíduo e sociedade ocorre de maneira interdependente. Essa premissa, aliada aos estudos empíricos de longa duração, o fez perceber que existe uma dependência mútua entre as transformações ocorridas na estrutura da personalidade individual (psicogênese), que resultam em modificações na estrutura da figuração¹ em que o indivíduo está inserido, e as transformações estruturais da sociedade (sociogênese), que acarretam em alterações na personalidade daqueles que a compõem.

Normalmente o estudo do desenvolvimento sociogenético de determinada figuração do passado é mais frequente, provavelmente em decorrência do fato de que os dados factuais estão sedimentados nas fontes históricas. Todavia, como, a partir destas mesmas fontes, seria possível estudar as características psicogenéticas das sociedades pretéritas?

Buscando alternativas para essa questão, esse trabalho propõe a análise de aspectos psicogenéticos a partir das atividades de lazer noticiadas em periódicos. Para tanto, serão analisadas as práticas lúdicas realizadas na cidade empresa² de Monte Alegre³, publicadas entre os anos de 1948 e 1949 no jornal *O Tibagi*.

Esta opção teórico metodológica justifica-se em razão das colocações de Elias e Dunning, no livro *A Busca da Excitação*. Segundo os autores, uma das principais características das sociedades industriais é o fato destas apresentarem uma variedade de atividades de lazer, que visam transformar as tensões geradas pelo autocontrole socialmente requerido em tensão-excitação (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 103). Por sua vez, as práticas de lazer desenvolvidas correspondem às relações sociais ali estabelecidas e o nível de sensibilidade dos indivíduos. Dessa forma, a análise da tipologia dos lazeres de determinada formação social permite considerar aspectos do desenvolvimento psicogenético de seus membros, ao tencionar tais práticas às características dessa sociedade, como seu processo de formação, industrialização, urbanização e suas relações de poder.

Metodologia

Considerando a interdependência entre psicogênese e sociogênese, buscando conhecer os elementos mais estruturais que balizaram as relações sociais locais, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica visando

¹ O conceito de figuração foi desenvolvido por Elias e corresponde a uma formação social de tamanho variável na qual os indivíduos estão ligados em uma rede de dependência recíproca. Isto significa dizer que cada ação individual responde a uma série de outras, que, por sua vez, modificam a própria estrutura em que se inscrevem. Chartier (2001, p. 13) exemplificou a dimensão das figurações a partir das seguintes formações sociais: “os jogadores de um carteadado, a sociedade de um café, uma classe escolar, uma aldeia, uma cidade, uma nação”.

² Cidades que se originaram pela iniciativa de *empresas* de grande porte.

³ Atual município de Telêmaco Borba – PR. No período aqui estudado Monte Alegre pertencia ao município de Tibagi – PR.

historicizar o desenvolvimento sociogenético de Monte Alegre. Para analisar os aspectos psicogenéticos desta formação optou-se pelo estudo das práticas de lazer ali desenvolvidas, uma vez que suas diferentes modalidades correspondem aos níveis de autocoação da figuração na qual se desenvolve.

O acesso aos lazeres desenvolvidos na localidade se deu por intermédio do jornal *O Tibaqui*. A opção pela análise do ano 1 do jornal (de 23 de novembro de 1948 a 15 de novembro de 1949) se deu em razão deste ter sido “o registro escrito da história local e regional, tendo guardado em suas páginas toda a cronologia dos fatos que construíram o atual perfil da Capital do Papel” (CORAIOLA, 2005, p. 193).

A análise das fontes jornalísticas teve como pressupostos as considerações de Bardin sobre a análise de conteúdo temática⁴. Na *pré-análise* foram realizadas leituras flutuantes no jornal para selecionar entre as suas narrativas aquelas que versaram – por diferentes vieses – sobre as atividades de lazer local (sociais, religiosas, cívicas, culturais, desportivas, etc). Dessa forma, o conjunto documental foi formado por 342 narrativas que enunciaram possibilidades de lazer em Monte Alegre⁵.

Então, seguiu-se para o processo de referenciação dos índices e de elaboração dos indicadores. Para Bardin, “o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. (...) este tema possui tanto mais importância para o locutor quanto mais frequentemente é repetido (...), [e] o indicador correspondente será a frequência desse tema de maneira relativa ou absoluta, relativo a outros” (BARDIN, 2011, p. 130). Nessa perspectiva, o índice para a análise de *O Tibaqui* em relação às práticas de lazer desenvolvidas em Monte Alegre foi “atividades de lazer”⁶. O número de aparições de determinada modalidade contribuiu para estabelecer relações entre o autocontrole necessário à sua prática e a adesão da população, permitindo conhecer características da psicogênese local.

Ao término desses encaminhamentos metodológicos da *pré-análise*, seguiu-se para o segundo polo cronológico, a análise. Nessa etapa definiu-se que, como as notícias sobre lazer publicadas no jornal eram em sua maioria de pequena dimensão e abordavam diferentes atividades, a unidade de registro⁷ para a categorização foi a modalidade de lazer, somada à sua

⁴ A análise de conteúdo consiste em um conjunto de procedimentos para a análise de comunicações “visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p.48). Na sua variável temática, a análise utiliza o tema como unidade de significação.

⁵ É importante destacar que o jornal noticiava diversas vezes a mesma atividade. Como será visto adiante, o próprio hebdomadário era responsável por ofertar alternativas de lazer em Monte Alegre e suas narrativas promoviam uma tensão-excitação que tinha como clímax a prática da atividade em si.

⁶ Segundo Elias e Dunning (1985, p. 145), as atividades de lazer podem ser classificadas em: sociabilidade; participar ou assistir a jogos e atividades “miméticas”; e lazer menos especializado, como viajar e comer fora para variar.

⁷ Bardin conceituou as unidades de registro como “uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo e da sua expressão” (BARDIN, 2011, p.133).

unidade de contexto – quando necessária⁸. Definidas tais unidades, seguiu-se para a terceira etapa da análise de conteúdo, momento em que foi realizada a categorização.

Este momento consiste em “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (BARDIN, 2011, p.147). O critério escolhido para a categorização foi o semântico. Isso significa dizer que as narrativas que tratam práticas religiosas foram agrupadas na categoria “atividades religiosas”, enquanto aquelas que eram realizadas no clube foram classificadas na categoria “atividades realizadas em clubes sócio esportivos”.

A partir da categorização, deu-se início a última etapa da análise. A inferência nas palavras de Namenwirth, citado do Bardin (2011), “não passa de um termo elegante, efeito de moda, para designar a indução, a partir dos fatos” (BARDIN, 2011, p.168). No caso desse trabalho, a análise de conteúdo temática possibilitou conhecer as atividades de lazer realizadas em Monte Alegre e inferir acerca das sensibilidades locais ao relacioná-las às características sociogenéticas envolvidas nas escolhas na esfera do lazer.

Acerca do recorte temporal adotado é importante esclarecer que, apesar da ênfase de Elias sobre a necessidade de análises na longa duração⁹, a adoção do recorte de um ano para a análise de características psicogenéticas não é incoerente às proposições do autor. A internalização do *habitus* ocorre a partir de micro processos de coerção e tensão. Pensando nas pequenas ações que em longa duração conformam essa *segunda natureza*, compreende-se que nesta investigação não se faz imperativa a adoção de recorte superior a três gerações¹⁰ – o que não significa dizer que pesquisas sobre este tema, na longa duração, sejam desnecessárias ou que os achados desses micro processos não devam ser perspectivados dentro de um processo de desenvolvimento sócio e psicogenético mais amplo.

Partindo dessas considerações, com a realização deste estudo espera-se tornar possível a análise de aspectos psicogenéticos passados, sob a perspectiva das práticas de lazer, na curta duração. Ao mesmo tempo, pretende-se chamar a atenção para os acontecimentos cotidianos que interferem na forma como os indivíduos se comportam em sociedade, pois esses micro processos possibilitam observar os desvios, por mínimos que sejam, no sentido do processo – seja ele civilizador ou não.

As atividades de lazer na perspectiva elisiana

O processo de desenvolvimento da sociedade ocidental europeia foi estudado por Norbert Elias. As pesquisas empíricas comparativas de longa duração realizadas por este sociólogo contribuíram para o desenvolvimento da teoria dos processos civilizadores. Seus achados demonstraram a

⁸ A unidade de contexto contribui na compreensão para a codificação da unidade de registro. Bardin escreveu que a unidade de contexto em uma análise de conteúdo temática pode ser o parágrafo, mas que, em muitos casos, faz-se imprescindível a referência ao contexto próximo ou até mesmo afastado da unidade registrada (BARDIN, 2011, p.137).

⁹ Elias (1993, 1994, 2001 e 2011).

¹⁰ Elias (1998 e 2006).

existência de uma relação de interdependência entre o desenvolvimento do Estado (sociogênese) e as mudanças na consciência e autocontrole individuais (psicogênese)¹¹. Uma vez que as pressões normativas externas são interiorizadas e transformadas em autocoção, Elias concluiu que o processo civilizador é caracterizado por mudanças na estrutura da personalidade dos indivíduos, que, em uma observação a longo prazo de seus micro processos, tem caminhado para a regulação constante e altamente diferenciada do comportamento¹².

Transformações sociogenéticas – como a monopolização da força física e da tributação, a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade, a progressiva divisão de funções e o incremento das cadeias de interdependência – contribuem para a emergência de novas formas de sensibilidade, que, por sua vez, requisitam uma correspondente moderação das emoções espontâneas. A capacidade de controlar o comportamento é relativa ao estágio de desenvolvimento de uma sociedade e tende a aumentar em consonância à amplitude das redes de interdependência nela estabelecidas. Assim, quanto o maior o grau de dependência mútua entre os indivíduos em uma dada figuração, maior o nível de autocontrole socialmente demandado.

O ato de constranger os impulsos emocionais produz tensões que podem ser perigosas à ordem social. Caso o autocontrole não esteja suficientemente instilado no indivíduo, a violência pode ser manifesta. É por essa razão que nas sociedades mais desenvolvidas existe grande número de atividades compensadoras¹³. Para Elias e Dunning (1985, p. 112), o lazer é a esfera onde é possível demonstrar comportamento relativamente¹⁴ excitado em público, uma vez que este promove “um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações de tipo sério”¹⁵.

Segundo Elias e Dunning (1985, p. 113), todas as sociedades humanas até então existentes desenvolveram atividades análogas ao lazer moderno. As características de tais práticas diferenciaram-se entre si no tempo e no espaço, uma vez que os divertimentos respondem às relações sociais e emocionais estabelecidas no local em que ocorrem. É por essa razão

¹¹ De acordo com Koury (2013, p. 82), “o processo civilizador ocidental se distingue de outros processos civilizacionais pela monopolização da violência física e fiscal em regiões pacificadas e submetidas a centros de poder em equilíbrio relativamente estável, o que permite a conformação e estabilização de um *habitus* pautado na gerência e no refinamento das emoções como estratégia de hierarquização e distinção social, por meio da internalização dos sentimentos e, em particular, da vergonha como motriz da ação individual no cultural e no societal”.

¹² Os escritos que balizam essa afirmação datam do final da década de 1980.

¹³ Sobre a ausência de atividades compensadoras Elias e Dunning (1985, p. 95) escreveram: “a sociedade que não oferece aos seus membros, e em especial, aos mais jovens, oportunidades suficientes para a excitação agradável de uma luta que não exige, mas pode envolver, força e técnica corporal pode, inevitavelmente, arriscar-se a entorpecer a vida dos seus membros; pode não proporcionar corretivos complementares suficientes para a tensões não excitantes produzidas pelas rotinas regulares da vida social”.

¹⁴ Este termo foi empregado por Elias e Dunning (1985, p. 105) para ilustrar que “a excitação e a emoção compensadora, reclamadas em algumas atividades de lazer, (...) são limitadas igualmente por restrições civilizadoras”.

¹⁵ Característica mimética das atividades de lazer.

que “Numa sociedade em que as inclinações para as excitações sérias e de tipo ameaçador diminuíram, a função compensadora da excitação-jogo aumentou”, pois, à medida em que se pacificou, a nova estrutura de sentimentos reduziu os níveis de tolerância à violência e passou a desprezar jogos mais violentos – ao mesmo tempo em que demandou atividades com maior grau de controle (DIAS, 2010).

Nesse sentido, entende-se que o estágio de desenvolvimento de uma figuração é o elemento determinante das características das atividades de lazer ali desenvolvidas, podendo estas serem mais ou menos violentas ou permitirem maior ou menor demonstração afetiva. Como o nível de autocooção varia conforme as posições e relações sociais, acredita-se que a adesão a uma ou outra prática de lazer seja compatível com o nível de controle comportamental individual.

Características sociogenéticas de Monte Alegre

No contexto de nacionalização da produção e de colonização do interior do país, políticas promovidas por Getúlio Vargas, foram iniciadas as negociações para a instalação de uma indústria de papel e celulose¹⁶ no interior do Paraná pela família Klabin. Entre a escritura da promessa de compra e venda da Fazenda Monte Alegre, em 1934, e o pleno funcionamento da fábrica, em 1947, muitas foram as relações políticas e sociais que permitiram a concretização do projeto¹⁷.

A realização do empreendimento na “região do Alegre”¹⁸ requisiu o desenvolvimento infraestrutura que atendesse as demandas da produção e a alternativa encontrada para a viabilização do projeto foi a construção de uma cidade empresa¹⁹. Entre as principais particularidades é possível citar o caráter de “meio ambiente construído” que tais cidades empresas possuem (PIQUET, 1998). Suas instituições e equipamentos – e até mesmo determinadas formas de lazer, não são resultantes das demandas sociais da formação em questão; são implantadas, geralmente de patamares civilizacionais posteriores em locais em fase de desenvolvimento diferente. Neste tipo de figuração, a tensão entre o estágio local e aquele a partir do qual se pretende iniciar os trabalhos é frequente, mas paulatinamente vai sendo controlada por instrumentos de coerção (em geral compulsões desarmadas²⁰), como a demissão por falta de alinhamento aos interesses empresariais, e de educação, como a utilização de diversos mecanismos

¹⁶ Até o início da produção em Monte Alegre, a matéria-prima para a fabricação de papel era importada de países como a Suécia, Estados Unidos, Canadá e Finlândia.

¹⁷ Para saber mais a respeito, consultar: Margalho (2008 e 2013).

¹⁸ “Região do Alegre” era a forma como os arredores da Fazenda Monte Alegre ficou conhecido no início da exploração local, datada do século XVI. Nesse período, a localização geográfica se dava por meio das características naturais do ambiente. Neste caso refere-se ao rio Alegre.

¹⁹ De acordo com Piquet (1998, p. 04), “A primeira associação que se faz à cidade empresa é a de uma ‘minicidade’, na qual um conjunto de equipamentos comunitários incluindo habitações, edifícios de pequeno comércio, escola, hospital e áreas de lazer pertencem a uma companhia e onde é exercido controle sobre a entrada e saída de pessoas, configurando um núcleo urbano ‘fechado’”.

²⁰ Compulsões desarmadas são restrições ausentes de violência física direta às quais os indivíduos estão expostos em espaços pacificados.

para disseminação dos comportamentos socialmente aceitáveis (atividades sociais, religiosas, cívicas, culturais, desportivas, etc.).

Seguindo padrão adotado em cidades empresas europeias, foi construído na Fazenda Monte Alegre o bairro residencial da fábrica, formado pelas vilas de Harmonia, Caiubi e Operária (PIQUET, 1998). O responsável pela execução do projeto foi Luiz Vieira, engenheiro designado pessoalmente por Getúlio Vargas para a coordenação das atividades²¹. Por sua vez, Vieira estendeu sua administração aos mais diversos aspectos, incluindo a vida privada dos operários.

Acredita-se que a intervenção da empresa na organização social local atendia às seguintes questões: o empreendimento realizado com o apoio de Vargas deveria servir como um modelo à industrialização do país, incluindo a formação de trabalhadores alinhados aos preceitos políticos vigentes; o alto nível de síntese a partir do qual o projeto da cidade empresa havia sido concebido, exigindo dos residentes uma estrutura psicológica compatível; e, por fim, os trabalhadores, por terem origens diversas, possuíam comportamentos igualmente diversos – o que poderia significar a irrupção da ordem vigente, no caso da externalização de suas paixões. Nesse sentido, as ações da empresa na esfera privada visavam homogeneizar as condutas para manter a produtividade e o funcionamento de Monte Alegre.

Em relação ao último aspecto, dois grupos de trabalhadores eram facilmente reconhecidos nessa figuração: os não especializados e os técnicos e engenheiros. A respeito dos operários, Fernandes (1974, p. 77) escreveu: “O operário braçal, sem qualquer qualificação, acorre dos sítios e das pequenas cidades próximas, orgulhoso de seus préstimos e, vagarosamente, vai admitindo que tem muito a aprender”²². Por esse excerto é possível perceber a intenção formadora presente nas ações dentro da cidade empresa, que extrapolou o chão da fábrica e atingiu cada pequeno detalhe da vida social local. Acerca dos técnicos e engenheiros, que representam a mão de obra qualificada da indústria, muitos deles eram europeus, oriundos de patamares civilizadores bastante avançados em relação ao estágio em que se encontrava a Fazenda Monte Alegre. De acordo com Marcovitch (2005, p. 215), havia representantes de mais de trinta nacionalidades. Esses dois universos distanciavam-se nas formas de se relacionar e se comportar.

Diante das tensões resultantes desse diferencial, do referente civilizatório nacional e das próprias demandas sociais de Monte Alegre, foi sendo construído um *habitus*²³ em Monte Alegre. Havendo um padrão

²¹ As ações de Vieira tinham muitas afinidades com os postulados do Estado Novo – fosse pela mistura de autoritarismo e paternalismo, pela intenção de formar um *trabalhador novo* ou pela supressão dos direitos civis, enfatizando as ações sociais.

²² Sobre a individualização das pressões inerentes à formação de Monte Alegre, Fernandes (1974, p. 77) escreveu: “A índole reservada do paranaense aceita, passivamente, a conversa dos primeiros desocupados, dos improvisados grevistas, dos discursivos que reclamam do salário em benefício de interesse próprio, mas não se agita. O trabalho e o aprendizado prosseguem, sob a disciplina imposta pelo Engenheiro-chefe”. Esse excerto permite relacionar as intenções de “civilização” das condutas como forma de controle dos trabalhadores, no sentido de evitar dissidências – prática análoga às adotadas em âmbito nacional.

²³ As partir dos escritos de Elias, Koury (2013, p. 90) assim definiu o conceito de *habitus*: “a incorporação nos indivíduos de um *ethos* sociocultural no interior de uma sociabilidade dada, neles sedimentados como uma espécie de figuração constituída pela tradição,

estabelecido – especialmente pelos patrões e funcionários qualificados²⁴ – entendia-se ser necessária a suavização dos comportamentos excitados condizente aos limites de tolerância à violência socialmente aceitável na cidade empresa²⁵.

O processo de internalização das pressões normativas externas não ocorreu sem tensões. As relações sociais e emocionais da vida no campo não demandavam tanta regulação e sincronização – por suas reduzidas redes de interdependência – e, portanto, poderiam ser realizadas de acordo com as necessidades dos indivíduos; já o trabalho na indústria, regulado e pautado pela produtividade, só funcionaria a partir da internalização de um tempo cada vez mais preciso. Dada a dissonância entre a racionalidade do campo e da cidade empresa, fazia-se necessário incentivar a modulação dos comportamentos para a maior eficiência de produção, sendo os chefes encarregados de coibir comportamentos não condizentes às expectativas patronais (FERNANDES, 1974).

Na gestão de Luiz Vieira, entre os passatempos operários, a bebedeira era aquela mais causava transtornos à ordem social local²⁶. Segundo relatos de época, o estabelecimento da lei seca, em 1942, foi em resposta ao significativo número de mortes nas brigas entre operários²⁷. Willer (1997) também apontou fatores de interesse direto à produção industrial ligados a esta restrição: a lei serviria para evitar o absenteísmo, uma vez que o operário bêbado ou com forte ressaca não estaria apto a exercer a atividade laboral.

A fiscalização do consumo de álcool foi uma ação pontual que, ao lado de outros tantos micro processos tensivos, visava a modulação do comportamento mediante pressões externas e posterior internalização de um *habitus* condizente às expectativas emocionais locais. Em uma perspectiva de longa duração talvez seja possível afirmar que ocorreu, de fato, um processo que civilizou as condutas em Monte Alegre. Todavia, em um olhar

costumes e *mores*. Isto é, pelas maneiras, estilos e modos, moralidade, formas e agir e de conduta”.

²⁴ Sobre a disseminação das condutas entre as classes, Passiani (2012, p. 573) escreveu ser possível observar “um processo de racionalização dos sentimentos e atitudes humanas que se inicia num grupo social específico e avança em direção a outras classes sociais, institui as bases de uma esfera pública com regras e normas muito claras, que são aceitas e compartilhadas por todos, permitindo uma convivência social relativamente pacífica entre os indivíduos e garantindo certa coesão social”.

²⁵ Sobre a coerção exercida para a internalização de um autocontrole condizente com as expectativas sociais locais, é importante ressaltar os potenciais ganhos dos empresários, afinal, funcionários com impulsos mais regulados, no mínimo, evitariam confusões e poderiam acatar com maior afinco as regras patronais, o que contribuiria para a redução do absenteísmo e para o aumento da produtividade, para citar alguns exemplos.

²⁶ De acordo com Elias (2006, p. 49), as restrições ao consumo de bebidas alcóolicas são adotadas porque a embriaguez implica a redução da capacidade de autorregulação.

²⁷ Entre as diversas passagens de Fernandes que apontam a bebedeira como incentivadora da violência local, destaca-se a seguinte passagem: “Eram dois amigos, o Meira e o Rodrigues. [...] Nas horas de folga a cachaça cortava a inibição. [...] [Vieira] Um dia, notou que se metiam num tumulto. Era sábado. O álcool tornava os homens belicosos. Rodrigues e Meira tinham saído do bar. Puxaram os revólveres, atiraram-se simultaneamente. Caíram ambos ao mesmo tempo. [...] Não eram as primeiras vítimas da bebida à solta. Luiz Vieira concluiu que não podia continuar assim: trabalhadores a matar-se, em cada dia de feriado ou domingo. Decretou a lei seca em toda Fazenda Monte Alegre” (FERNANDES, 1974, p. 86).

mais direcionado é possível observar os desvios nesta curva de aprendizagens comportamentais – a exemplo das práticas de contrabando de bebidas, recorrentes em Monte Alegre. Como não eram vendidas no interior da Fazenda, muitos indivíduos traziam à nado garrafas amarradas ao corpo ou escondidas no meio das bagagens. Dadas as práticas de resistência²⁸, em 1945 Vieira atenuou a lei: era permitido o consumo de vinho de mesa e cerveja²⁹.

O antagonismo às regulações na esfera dos divertimentos demonstra que nem todas as pressões externas eram (facilmente) assimiladas pelos montealegrenses, variando de acordo com o âmbito da vida a ser modulado. Ademais, a recepção dos trabalhadores às imposições dos chefes, por vezes, era balizada pelas relações sociais e emocionais locais – e não pelo desejo civilizatório dos patrões.

Diante da impossibilidade de modulação comportamental da empresa em aspectos da vida privada de seus funcionários, a direção da indústria optou por prover divertimentos à população. A Klabin oferecia atividades consideradas pelos empresários como saudáveis e, dessa forma, evitava o lazer negativo em momentos de não-trabalho. Nesse período, o lazer era entendido como fundamental à reposição das energias para a atividade laboral. Na visão dos empregadores, o primordial seria que seus funcionários utilizassem o tempo de lazer “em atividades úteis e educativas, que incentivem o gosto pelo trabalho e promovam um saudável convívio entre os empregados” (WILLER, 1997, p. 202).

A esse respeito, faz-se necessário retomar o conceito de atividades miméticas: segundo Elias e Dunning (1985, p. 125), a exteriorização de manifesta excitação nas atividades de lazer possui uma função “mimética”. Isso significa dizer que o lazer promove uma excitação agradável porque sua prática, dentro dos limites permitidos para cada modalidade, simula emoções da vida real, sem colocar em risco a relativa ordem da vida social. Para os autores, “Na excitação séria, não mimética, as pessoas podem perder o autocontrole e tornarem-se uma ameaça, tanto para si próprias como para os outros. A excitação mimética é, na perspectiva social e individual, desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico”, ou seja, um efeito curativo. Assim, a geração de uma tensão-excitação agradável na esfera do lazer contribui na promoção de um equilíbrio das tensões inerentes ao processo civilizador. É por essa razão que a preocupação com o tempo livre do operário não foi uma exclusividade local, mas perpassou o plano nacional – a exemplo dos esforços para a formação do *novo trabalhador*, que incluíram a promoção de educação física.

A possibilidade de modulação dos comportamentos por meio das atividades de lazer está diretamente relacionada a sua adesão – significativa no caso de Monte Alegre. Sobre isso Elias e Dunning (1985, p. 157)

²⁸ Entende-se por resistência as “lutas para modificar o equilíbrio de poder” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.37).

²⁹ Na opinião de Fernandes (1974, p. 88), “A lei seca continuou em vigor e evitou muitas mortes. Pouco a pouco foi atenuada (...) O contrabando, porém, não cessou”. A preocupação de Vieira, no que diz respeito às condutas violentas dos operários bêbados, tinha fundamento. Há registros no fórum de Tibagi de brigas sob o efeito de álcool que levaram à morte de diversas pessoas, o que, todavia, não justifica a supressão do direito civil à liberdade – inclusive a liberdade de beber.

escreveram: nas sociedades industriais “a escolha individual das atividades de lazer também depende das oportunidades construídas antecipadamente”. Levando em consideração o aspecto de meio ambiente construído da cidade empresa de Monte Alegre, mais uma vez a indústria proporcionou opções de lazer. Cada atividade promovida, pela demanda de autocoesão necessária para realizá-la, acabou por polarizar um grupo específico de indivíduos.

Para incentivar a prática esportiva, em 1946 foi criado para os funcionários não graduados da indústria o Clube Atlético Monte Alegre (C.A.M.A.). Além de jogos e campeonatos esportivos, eram frequentes festividades nesse local, permitindo que o momento de lazer fosse também um espaço supervisionado pelos chefes, requisitando dos operários a auto supervisão até mesmo nos momentos de não-trabalho. Havia, nesse período, a ideia de que o esporte e o lazer seriam elementos que contribuiriam para o não engajamento do operário nas lutas da classe³⁰. Portanto, o incentivo financeiro e apoio da Klabin nas atividades desenvolvidas no clube eram frequentes e evitavam o protagonismo dos moradores locais, até mesmo na organização dos divertimentos. A provisão de atividades sociais pela indústria aos seus empregados foi gerando uma relação de dependência. Assim, grande parte das realizações do C.A.M.A. era mediada pelos patrões.

Havia também um clube para o lazer dos técnicos de nível superior e seus familiares, também fundado em 1946. Segundo Willer (1997), a maioria dos sócios tinha origem europeia, talvez por essa razão as atividades do Harmonia Clube fossem mais elitizadas. Nele eram realizados recitais, peças de teatro e bailes, além de festividades em datas comemorativas como o Natal. A existência de clubes separados, classificando os usuários pela hierarquia local, pelo posto de trabalho ocupado na fábrica, contribuía para a distinção entre os indivíduos daquela formação – auxiliando o desenvolvimento do processo civilizador a partir das aproximações e distanciamentos entre as diferentes classes. O achegamento ocorria em eventos coletivos, como nos eventos cívicos, que envolviam toda a comunidade; o afastamento ocorria em momentos como o carnaval, quando eram realizados bailes separados, cada indivíduo no clube que lhe dizia respeito.

A oferta de atividades de lazer aos funcionários aumentou com o retorno de Luiz Vieira às suas atividades em Brasília e a chegada de Horácio Klabin à Monte Alegre, em 1947. Em conivência com tendências políticas mais amplas, as práticas autoritárias foram substituídas por ações populistas. Horácio Klabin, visando o abrandamento das pulsões, promoveu um conjunto de iniciativas culturais e de lazer. De acordo com Fernandes (1974, p. 126), o diretor-administrativo da Klabin desenvolveu em Monte Alegre um programa de inovações: além de promover a profissionalização do futebol local e montar uma rádio emissora, “funda o jornal ‘O Tibagi’ que constitui, para a grande maioria dos operários alfabetizados a primeira leitura regular, desde que deixaram os bancos da escola primária”. Essas mudanças sociogenéticas – e a própria aprendizagem dos controles que vinha ocorrendo desde os tempos de Vieira – contribuíram para que as

³⁰ Para Vieitez (2002, p. 132), “A preocupação estaria em “controlar” o tempo livre do trabalhador limitando as atividades que ele pudesse desenvolver, pois havia o interesse de que ele preservasse suas energias para o trabalho”.

pressões externas para a conformação de um autocontrole mais estável fossem suavizadas.

O recurso à publicação das ofertas de lazer em Monte Alegre, por meio do jornal *O Tibagi*, contribuiu para que as possibilidades de aprendizagem dos comportamentos socialmente demandados na cidade empresa por meio das atividades de lazer fossem disseminadas para grande parte dos moradores locais³¹.

Como será visto adiante, dado o breve período de existência da cidade empresa, as práticas de lazer realizadas pelos moradores locais evidenciam um elevado patamar de desenvolvimento. Inclusive, tomando a leitura como uma possibilidade de lazer, a organização de um periódico em Monte Alegre demonstra bem esta questão. Elias, ao tratar do aumento da demanda de livros em dada sociedade, afirmou que este é um sinal de avanço pronunciado no processo civilizador, afinal, “sempre são consideráveis a transformação e regulação das paixões necessária tanto para escrevê-los quanto para lê-los” (ELIAS, 1993, p. 229). De maneira análoga, entende-se que a publicação de *O Tibagi* expressa um nível de autocontrole já adquirido, ao mesmo tempo em que representa a possibilidade de educação dos sentidos a partir de seu incentivo às atividades de lazer.

Resultados e discussões: aspectos psicogenéticos a partir das atividades de lazer

A análise de conteúdo do primeiro ano do jornal *O Tibagi* permitiu identificar cinco categorias de lazer desenvolvidas em Monte Alegre, a saber: atividades fechadas, atividades “abertas”³², atividades sazonais, atividades religiosas, atividades realizadas em clubes sócio esportivos.

As atividades fechadas foram publicadas duas vezes no semanário local. Os dois jantares realizados no Hotel Lagoa indicam que haviam práticas de lazer para além das incentivadas pelos industriais. Apesar de não terem sido especificamente abordadas no jornal, acredita-se que os operários também desenvolvessem seus próprios divertimentos. Passagens isoladas do periódico indicam a utilização de balneários para banho e pesca, caça, jardinagem e criação de animais. Além disso, foram noticiados 67 casamentos e 209 batizados³³, ocasiões que podem ter proporcionado alternativas de lazer à população.

As atividades cívicas em Monte Alegre ocorriam anualmente nos dias 07 de setembro e 15 de novembro. Nos festejos da independência do ano de 1949, as atividades matutinas foram gratuitas e envolveram solenidades,

³¹ A taxa de analfabetismo na Fazenda era de 30% em 1944 (WILLER, 1997, p. 195), o que demonstra um elevado patamar de formação, uma vez que a média nacional de analfabetismo neste período correspondia a 56,1% da população. Sobre a tiragem no periódico, no primeiro ano de circulação, *O Tibagi* chegou a 2.000 exemplares semanais. É importante ressaltar que sua circulação não se restringia apenas a Monte Alegre e região, mas era enviado para as cidades onde havia escritórios ou representantes da Klabin.

³² A utilização das aspas está relacionada aos custos para a participação. Teoricamente, todos os residentes de Monte Alegre poderiam tomar parte em tais atividades, entretanto, os rendimentos de um operário não eram suficientes para tal.

³³ Somente eram noticiados os casamentos e batizados daqueles que solicitassem a publicação ao jornal com uma semana de antecedência.

apresentações artísticas, brincadeiras para crianças e dois jogos de bola praticado por amadores. À tarde foram cobrados ingressos para o torneio de futebol disputado entre o Clube Atlético Monte Alegre, o Klabin Esporte Clube, Operário Esporte Clube, Esporte Clube Engenharia Civil e o Nitro Química, time paulista oriundo de outra empresa da família Klabin.

O feriado da Proclamação da República era duplamente celebrado em Monte Alegre, por ser também data de aniversário da gestão de Horácio Klabin. Em 1948, as atividades de 15 de novembro foram gratuitas e incluíram: desfile de escolares, hasteamento da bandeira e solenidades, inauguração de um posto de gasolina, churrascada, jogo entre o C.A.M.A e o Club Atlético Ferroviário, queima de fogos, entre outras.

Sobre tais festejos, é importante destacar que Horácio Klabin e os demais chefes da empresa sempre se faziam presentes, contribuindo para o desenvolvimento ordeiro do evento, uma vez que comportamentos excessivos nesta atividade de lazer poderiam resultar em sansões trabalhistas. Entretanto, como é possível observar, as festividades cívicas incluíram atrações como o futebol, modalidade que permite uma manifestação mais alargada das emoções. Ao mesmo tempo, os discursos cívicos e em homenagem ao diretor-administrativo requisitavam uma capacidade de autocooção desenvolvida, exigindo maior restrição das pulsões tanto para ouvi-los quanto para proferi-los. Acredita-se que a promoção de atividades “mistas” está relacionada ao público alvo. A inclusão de lazeres com maior e menor grau de excitação socialmente permitido demonstram que os eventos cívicos eram frequentados tanto pelas famílias de operários e como pelas de técnicos graduados.

Espaços de interação entre as diferentes classes contribuíam para a colonização dos afetos. De maneira análoga, é possível pensar os escritos de Elias acerca da sociedade de corte: “direta ou indiretamente, o entrelaçamento de todas as atividades, que todos na corte inevitavelmente enfrentam, obriga-os a manter a vigilância constante e submeter tudo o que dizem ou fazem a detalhado exame” (ELIAS, 2011, p. 216). Outro espaço onde este contato possibilitava a supervisão de si e do outro era no templo religioso.

Desde a construção da matriz de Monte Alegre, por intermédio de ações da indústria Klabin, a atividade religiosa tornou-se bastante intensa. Em datas comemorativas, como a Páscoa e Natal, eram realizadas inúmeras missas por semana, novenas, vias sacras e confissões. Entre as atividades regulares destaca-se para esta problematização as “missas para os operários”, realizadas todos os domingos e dias santos às 05:30 da manhã. O horário da celebração aponta para características sociogênicas locais, como o tempo da jornada de trabalho na indústria. Se o compromisso religioso era realizado a este horário, significa que muitos trabalhadores se dedicavam às obrigações da fé antes do início do expediente.

A religiosidade foi incentivada como uma prática de tempo livre saudável. Segundo Willer (1997, p. 208), os industriais percebiam a religiosidade como um “instrumento de estabilização social através da valorização da instituição familiar e do incentivo ao trabalho produtivo”. A relação entre a Igreja e a empresa representava uma “comunhão de interesses”, já que a indústria “se beneficiava do papel estabilizador

desempenhado pela Igreja, e os padres redentoristas, [...] contam com um ‘rebanho’ de fiéis dóceis e organizados”.

As atividades sazonais referem-se às ações para a construção e inauguração do estádio de futebol local, que recebeu o nome de Estádio Dr. Horácio Klabin, por este ter sido um dos principais idealizadores do projeto. A fim de arrecadar fundos, foi realizada uma festa campestre, com pescaria, tiro ao alvo, restaurante e apresentações musicais; três bailes, sendo um no Harmonia Clube, um no C.A.M.A e outro no Monte Alegre Hotel; rifas e leilões, venda de cadeiras cativas (1 ano por Cr\$500,00) e a assinatura no Livro de Prata e Livro de Ouro³⁴. A venda de ingressos para o jogo de inauguração do estádio, onde foi disputada a Taça Dr. Horácio Klabin entre Corinthians, Guarany, Atlético Paranaense, Matarazzo, Corinthians de Pirai e Clube Atlético Monte Alegre, foi outra forma de angariar recursos para a obra. Segundo *O Tibagi*, apenas em Monte Alegre foram vendidos 1.500 ingressos.

Assim como nos eventos cívicos, a inauguração do estádio de futebol visava todos os grupos sociais de Monte Alegre, a exemplo da realização de bailes em locais distintos visando populações distintas. A possibilidade de auxiliar na construção também foi ofertada aos diferentes públicos: rifas e leilões àqueles que possuíam pequena margem de contribuição e Livro de Ouro aos grandes contribuidores. Acredita-se que o convívio social entre patrões e empregados neste tipo de atividade auxiliou no desejo de civilização individual, afinal, a sociabilidade cumpre um papel importante na disseminação dos padrões que balizam as relações sociais locais. Neste tipo de ocasião, os indivíduos passam a “observar as outras pessoas e a serem observadas (o que Elias chama de controle social), fazendo com que o seu código de conduta, ou padrão de comportamento, seja lentamente transformado, aumentando a compulsão de policiar o próprio comportamento” (BRANDÃO, 2001, p. 103).

Em relação às atividades realizadas em clubes sócio esportivos, duas são as subcategorias a serem problematizadas: as práticas de lazer do Clube Atlético Monte Alegre (C.A.M.A.) e as do Harmonia Clube.

O Clube Atlético Monte Alegre ficou conhecido por seu time profissional, que ganhou o Campeonato Paranaense de futebol de 1955. Essa conquista foi, entre outros fatores, estimulada pelo esforço de Horácio Klabin para a profissionalização do futebol local, contratando jogadores de fora e dispensando do trabalho operários-jogadores nos horários de treino. Em razão deste investimento, a principal atividade do C.A.M.A. foi o futebol. Segundo relatos de época, assistir ao futebol era uma das atividades mais divertidas que tinha para se fazer³⁵.

Os bailes também eram frequentes no Clube. Com o auxílio do Grêmio Feminino Nova Aurora, foram realizados os seguintes festejos: 3 bailes de carnaval, com ingressos a Cr\$12,50; 01 baile caipira à caráter, com concurso de fantasia, leilões, rifas, quentão e pinhão; 01 chá dançante, onde foi eleita a madrinha do Clube; 01 baile à rigor; 02 soirées dançantes; e

³⁴ O Livro de Ouro era destinado àqueles que doassem valores acima de Cr\$1.000,00 e o Livro de Prata para valores inferiores.

³⁵ BABI, E. B. Entrevista por telefone concedida à Ana Flávia Braun Vieira. Telêmaco Borba, 9 jul. 2018.

outros 02 bailes não temáticos. Interessante frisar que, por vezes, o ingresso à festa era o talão de mensalidade pago, oportunizando alternativas acessíveis de lazer ao trabalhador montealegrense.

A respeito do lazer operário, é importante ressaltar que, dada a produção ininterrupta da fábrica e a insuficiência numérica de empregados, os operários trabalhavam de segunda à sábado, por vezes fazendo hora extra noite adentro, e, quando necessário, também aos domingos. Entende-se, dessa forma, que o tempo livre do trabalhador que poderia ser investido em atividades de lazer era bastante limitado. Talvez, por essa razão, o clube destinado aos divertimentos dos trabalhadores se restringisse a algumas áreas limites. O futebol e os bailes permitiam formas de relaxação diferentes das encontradas em outras atividades de lazer e condiziam às necessidades pulsionais de seus praticantes. É por essa razão que algumas ações da diretoria do Clube, no sentido de diversificar suas práticas, não foram bem recebidas pelos sócios, a exemplo da Corrida de São João, que teve 28 inscritos e apenas 13 competidores.

A incorporação de práticas que requisitam maior autocontrole foi estimulada pelo periódico local. Em 14 de dezembro de 1948 *O Tibagi* publicou:

[...] enquanto a prática do voleibol, bola ao cêsto, pingue pongue, atletismo, natação, etc. são em volumes satisfatório (...) criticamos construtivamente a ação da diretoria do C.A.M.A. (...) Sendo aquele clube essencialmente esportivo, achamos que não seria demais se procurasse incentivar o esporte local, de todas as maneiras possíveis, organizando diversos departamentos para as diversas modalidades esportivas (...) de forma a manter os seus associados em constantes atividades (O TIBAGI, 1948, p. 08).

O excerto acima demonstra interesse do periódico dirigido por Horácio Klabin na provisão de atividades diversas aos associados, afirmando o interesse empresarial no desenvolvimento de lazeres institucionalizados.

Cinco meses depois – de maneira análoga ao que Elias escreveu sobre a disseminação dos costumes da corte às demais classes – o C.A.M.A. passou a oferecer treinos de pingue-pongue aos domingos, prática comum no Harmonia Clube – que frequentemente realizava campeonatos dessa modalidade. Esse tipo de desporto³⁶ requer de seus praticantes um alto grau de concentração, por tratar-se de um jogo bastante veloz, e daqueles que o assistem um elevado nível de autocontenção das emoções.

Sobre esta questão do controle, nota-se que torneio de “truc” era realizado apenas no clube operário, visto ser comum neste tipo de carteados o uso de blefes, a elevação da voz visando intimidar os oponentes e até mesmo o uso de insultos – o que evidencia a formação de sensibilidades distintas de acordo com a classe social pertencente. Ao mesmo tempo, o jogo de truco exige a capacidade de representar, de dissimular, o que evidencia que até mesmo as atividades que permitem uma maior relaxação também requisitam autocontrole – expresso, neste caso, pela capacidade de antecipar-se aos adversários.

³⁶ A partir dos escritos de Elias, Santos (s/d, p. 03) assim definiu o conceito de desporto: “uma disputa entre pessoas que concorrem individualmente ou em equipes, podendo ser praticado em diversas modalidades”. O desporto é uma das possibilidades de atividades de lazer.

No Harmonia Clube, pela própria natureza das ocupações laborais de seus sócios, que dispunham de mais tempo livre, foram desenvolvidas uma série de competições, a saber: prova de natação, Taça Engenheiro Ignácio Szporn (voleibol), Taça Dr. Karl Zappert (bola ao cesto), torneio de xadrez, campeonato de pingue-pongue, torneio de lances livres, competição de vôlei feminino. Em comparação ao C.A.M.A., é possível observar que as modalidades praticadas exigiam um grau de abrandamento das pulsões bastante elevado. O Harmonia Clube também possuía time de futebol, mas, diferente do Clube Atlético Monte Alegre, esta não era a modalidade mais praticada. Voleibol e cestobol eram os mais incentivados.

As discrepantes oportunidades de lazer em um e outro clube, além da compatibilidade entre autocontrole e os afetos permitidos em cada atividade, evidenciam a busca por distinção – ação que dá movimento ao processo civilizador. As disputas pelo poder no interior das figurações perpassam o esforço para manter (ou elevar) o estágio alcançado pela classe superior, contribuindo para a “elaboração de padrões, atuando como uma forma de exclusão daqueles que não incorporavam os padrões disciplinares necessários” (MORAES E SILVA et al., 2014, p. 261).

Sobre esses elementos de diferenciação é interessante estabelecer relações entre as formas de participação feminina nos clubes locais. No Clube Atlético Monte Alegre, por meio do Grêmio Feminino Nova Aurora, as mulheres eram responsáveis por atividades sociais, como a organização de festividades em geral. Admite-se a omissão do jornal em relação à participação destas em atividades desportivas, mas a análise das fontes indica sensibilidades diferentes em relação ao papel da mulher entre operários e graduados, já que no Harmonia Clube haviam 06 times participantes da competição de voleibol feminino. Todavia, é importante destacar que entre as possíveis atividades desportivas a serem realizadas pelas moças e senhoras, o vôlei é uma das quais há menores erupções violentas, visto que o contato físico entre as competidoras é menor em comparação a outras modalidades – evidenciando os limites das tensões-excitações permitidas às mulheres da elite local.

Todos os sábados, das 20:30 às 23:30, havia no Harmonia Clube “brincadeira dançante”, com condução dos associados até a sede. Além disso, haviam bailes como os de carnaval, sendo 2 para crianças e 3 para adultos; soirée dançante da Independência; festa junina com fogueira, fogos de artifício, quentão e pinhão; festa de Natal com churrasco, matinê dançante e competições desportivas; e jantar americano.

Ao estabelecer comparações entre as comemorações de carnaval de ambos os clubes é possível perceber que entre os trabalhadores graduados havia a preocupação de promover atividades de lazer também para as crianças. Por certo, os filhos dos operários possuíam seus divertimentos, mas estes não eram institucionalizados. Acredita-se, desta forma, que desde pequenos os moradores de Monte Alegre eram educados a partir de referenciais comportamentais distintos, coniventes com as relações sociais por eles estabelecidas. De acordo com Koury (2013, p. 88), “o indivíduo nasce, cresce e se desenvolve a partir de um momento específico (...), que *molda e compromete* o indivíduo dentro das *Redes* ou *Teias de Sentidos* de uma configuração social específica e lhe confere todo o alcance de sua vida”.

A existência de clubes distintos, ao mesmo tempo em que evidencia as diferenças existentes em Monte Alegre em relação a capacidade de autocoação, “se caracteriza por ser um elemento central na determinação da identidade do sujeito dentro do grupo social”. Além do corte de classe, determinado pela posição ocupada no interior da indústria, estas organizações polarizavam os indivíduos que se identificavam ao grau de contenção requisitado pelas atividades de lazer nelas desenvolvidas. Assim, a coerção exercida nos clubes era aderida, mesmo que de maneira involuntária, por seus associados, que não as viam necessariamente como algo negativo, “não tendo a função de negar apenas, de dizer o que se pode ou não se pode, mas de determinar uma identidade, dizer quem é quem” (PEREIRA, 2002, p. 35).

Considerações finais

Ao estudar o processo de desenvolvimento de figurações ocidentais, Elias observou o processo de pacificação dessas sociedades, portanto a redução nos níveis de tolerância às manifestações violentas, fato que demandou o desenvolvimento de um autocontrole mais estável. O ato de conter-se de acordo com as expectativas sociais geram tensões que, se não forem canalizadas, podem irromper em atos considerados impróprios coletivamente. Diante da necessidade de extravasar tais emoções, foram desenvolvidas nestas formações sociais atividades de lazer, que podem originar uma tensão-excitação agradável.

Partindo das colocações de Elias e Dunning acerca da interdependência entre as relações sociais estabelecidas numa determinada sociedade e as formas de lazer ali desenvolvidas, este trabalho buscou conhecer aspectos sociogenéticos da figuração de Monte Alegre a partir das atividades de lazer noticiadas no periódico local. Por se tratar de uma cidade empresa, formada por indivíduos oriundos de formações sociais distinta, portanto com níveis de autocontrole igualmente distintos, entende-se que os empresários buscaram homogeneizar as condutas locais, visando, entre outros fatores, a produtividade industrial.

As discrepâncias nas sensibilidades, tal como nos achados de Elias, são hierarquizadas, sendo as classes mais altas formadas por indivíduos com menor tolerância à violência e às manifestações de comportamento demasiadamente excitado fora das práticas de lazer. Devido a um autocontrole mais arraigado, as atividades desenvolvidas por essa parcela da população montealegrense permitiam menor descontrole, a exemplo dos torneios de xadrez. Em relação ao lazer destinado aos operários, mesmo os trabalhadores tendo pouco tempo livre disponível para a prática, a empresa incentivou – fosse pela promoção do futebol profissional no C.A.M.A. ou pelas publicações de *O Tibagi* – o desenvolvimento de uma série de atividades consideradas como saudáveis, que, todavia, permitiam um nível de demonstração de afetos maior, condizente aos seus níveis de autocoação, possibilitando, por essa razão, maior adesão aos divertimentos ofertados pelo Clube.

No caso dos eventos sociais abertos, como a inauguração do estádio de futebol e as solenidades cívicas e religiosas, tais ocasiões promoviam o

contato entre as diferentes classes, contribuindo para a aproximação entre os comportamentos dos chefes e funcionários graduados e operários. A observação de si e das pessoas contribuíam para o policiamento do próprio comportamento, modificando padrões de conduta, fosse na tentativa de igualar-se ou distinguir-se.

Acredita-se que a observação desses micro processos de coerção na curta duração, a partir de fontes jornalísticas, possibilitam a análise das pressões formativas cotidianas, que ao longo de seu exercício e de sua internalização compõem uma *segunda natureza*. Entende-se que a observação de aspectos psicogenéticos pontuais permite observar os desvios civilizadores e descivilizadores de um processo mais amplo. Para inferências mais gerais, entende-se a necessidade de um trabalho que abarque a longa duração e que permita considerar a direção do processo civilizador local a partir de pesquisas com diferentes fontes e que comparem os aspectos psicogenéticos em um recorte temporal maior e em diferentes espaços.

Referências

BABI, E. B. *Entrevista por telefone concedida à Ana Flávia Braun Vieira*. Telêmaco Borba, 9 jul. 2018.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, C. F. A teoria dos processos de civilização e o controle das emoções. *Revista Conexões*, v. 6, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638039/5726>. Acesso: 23 nov. 2018.

CHARTIER, R. Prefácio. In: ELIAS, N. *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CORAIOLA, A. M. *Capital do Papel*. A história do município de Telêmaco Borba. Curitiba: A.M.S. Coraiola, 2003.

DIAS, C. A sociologia figuracional e os estudos do esporte. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Campinas, v. 31, n. 2, p. 155-169, jan. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/524/421>. Acesso em: 23 nov. 2018.

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *Escritos & ensaios*. Vol. 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

_____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985.

_____.; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERNANDES, H. V. *Monte Alegre Cidade Papel*. São Paulo: Símbolo S.A. Indústrias Gráficas, 1974.

KOURY, M. G. P. Emoções e sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 59, p. 79-98, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/37034/22826>. Acesso em: 23 nov. 2018.

MARCOVITCH, J. *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

MARGALHO, M. G. *Klabin: os empresários, a empresa e as estratégias de construção da hegemonia (1930-1951)*. 2008. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

_____. *Indústrias Klabin do Paraná de Celulose: a sociogênese do projeto político-empresarial (1930-1940)*. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 48, p. 99-126, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/23319/12837>. Acesso em: 22 nov. 2018.

MORAES E SILVA, M.; CAPRARO, A. M.; SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Norbert Elias e Michel Foucault – Apontamentos para uma tematização relacional da noção de poder. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, Florianópolis, v.11, n.1, p. 254-275, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n1p254/26895>. Acesso em: 23 nov. 2018.

PASSIANI, E. Não existe pecado abaixo do Equador? Algumas considerações sobre o processo de formação da sociedade de corte no Brasil. *Soc. estado. [online]*, v. 27, n. 3, p. 571-593, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v27n3/07.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2018.

PEREIRA, L. F. L. Autoconsciência e processo civilizacional em Norbert Elias. *Relações Internacionais Mundo Atual*. 2002 (2), p. 19-46. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/218/191>. Acesso em: 22 nov. 2018.

PIQUET, R. Cidade-empresa. Presença na paisagem urbana brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SANTOS, S. R. Esporte e lazer: uma reflexão sociológica em Norbert Elias. Disponível em: http://www.ccs.ufpb.br/gepaie/lib/exe/fetch.php?id=home%3Apublica%C3%A7%C3%B5es&cache=cache&media=home:esporte_e_lazer_-_uma_reflex%C3%A3o_sociol%C3%B3gica.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

SILVA, C. M. A História Cultural: um diálogo entre Alain Corbin e Norbert Elias. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 9, ano IX nº1, 2012. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo_2_Claiton_Marcio_da_Silva.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

VIEITEZ, C. G. Marx, o trabalho e a evolução do lazer. In: BRUNHNS, E. T. (org.). *Lazer e ciências sociais – diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002.

WILLER, M. R. *Harmonia: uma utopia urbana para o trabalho*. 1997. 226. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27148/D%20-%20WILLER%2C%20MARCELO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 nov. 2018.

Recebido em 28 de fevereiro de 2019

Aprovado em 11 de abril de 2019